

SEMIOFERAS E FRONTEIRAS DE *PANO VERMELHO*, UMA NARRATIVA DE RONIWALTER JATOBÁ

SEMIOSPHERES AND SEMIOTIC BORDERS OF *PANO VERMELHO*, A NARRATIVE BY RONIWALTER JATOBÁ

Denise Castilhos¹
Éder Cabral – Universidade Feevale²

Resumo: Este estudo visa analisar um texto literário sob as luzes da Semiótica da cultura, valendo-se dos conceitos de semiosfera e fronteira de Iuri Lotman. O texto selecionado é um conto de Roniwalter Jatobá, intitulado *Pano Vermelho*, que se transfigura em relato/testemunho, em uma lembrança de 25 anos da trajetória de migrante do interior da Bahia para a capital paulista. Dessa forma, este estudo promove não apenas a aplicação dos conceitos da semiótica da cultura, como também um contato com a obra *Brasil*, de Lília Schwarcz e Heloisa Starling. A narrativa literária apresenta diversas semiosferas tanto pessoal, como espaço-temporal, assim como fronteiras, que dialogam com outros textos, tais como os fatos históricos do cenário nacional.

Palavras-chave: Semiótica da cultura. Semiosfera. Fronteira. Roniwalter Jatobá. *Pano Vermelho*.

ABSTRACT: This study aims to analyze a literary text under the lights of Semiotics of culture, using the concepts of semiosphere and of semiotic border of Iuri Lotman. The selected text is a short story by Roniwalter Jatobá, entitled *Pano Vermelho*, which shows a testimony in a 25-year remembrance of the trajectory of a migrant from the interior of Bahia to the capital of São Paulo. Thus, this study promotes not only the application of the concepts of Semiotics of culture, but also a contact with the book *Brasil: uma biografia*, by Lília Schwarcz and Heloisa Starling. The literary narrative presents several semiospheres, both personal and space-temporal, as well as borders, which dialogue with other texts, such as the historical facts of the national scene.

Keywords: Semiotics of culture. Semiosphere. Semiotic border. Roniwalter Jatobá. *Pano Vermelho*.

Introdução

Para Iuri Lotman e Boris Uspenskii (1971), a cultura não é apenas o conjunto de sistemas semióticos, mas também guarda a memória não-hereditária da coletividade de forma dinâmica e/ou, além disso, pode ser representada por um conjunto de relações de expressão (signicidade) e de conteúdo (signo). Em outras palavras, “a cultura é um conjunto de informações não-hereditárias que as diversas coletividades da sociedade humana não acumulam, conservam e transmitem” (LOTMAN, 1981, p.31). Todavia, sobretudo e categoricamente, dentro da Semiótica da cultura, “a cultura é informação” (LOTMAN, 1981, p.32). A cultura, por esse viés, representa um sistema e, sendo assim, os investigadores podem extrair dos objetos de análise não somente informações sobre o processo de produção, como também conhecimento sobre diversas estruturas e formas de organização social de uma coletividade (LOTMAN, 1981). Esse conhecimento, para a Semiótica da cultura, dá-se por meio do agenciamento de signos, os quais

¹ Pós- doutora pelo Programa Interdisciplinar de Ciências Humanas da UFSC, Doutora em Comunicação Social pela PUCRS, Mestre em Semiótica pela Unisinos/RS; e-mail: denisecastilhos@gmail.com.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais na Universidade Feevale, mestre em Linguística Aplicada pela Unisinos/RS, especialista em Língua Espanhola pela PUCRS, licenciado em Letras-Português/Espanhol e respectivas Literaturas pela Unisinos; e-mail: eder108@yahoo.com.br.

se estruturam os textos, que servem como materiais que (re)constróem a realidade. Segundo Ekatrina Américo (2017, p.7), “[...] o conceito de texto abarca as mais variadas manifestações da cultura humana, o que culmina na consolidação da noção de texto da cultura”. A compreensão da cultura como informação determina alguns métodos de pesquisa. Ela permite examinar tanto etapas isoladas da cultura, como todo o conjunto histórico-cultural na qualidade de uma espécie de texto aberto (LOTMAN, 1981) – é esse objetivo que temos com este estudo.

Por sua vez, a linguagem e o sistema modelizante estão indissolúvelmente ligados. Lotman (1998) aponta que todo texto é codificado no mínimo duas vezes: uma pela linguagem natural e outra pelo sistema modelizante de códigos; no objeto de estudo selecionado para esta reflexão, observamos a sua modalização pela literatura.

Dessa forma, nossos esforços vão em direção à aplicação da semiótica da cultura em um externo de um texto literário, o conto intitulado o *Pano vermelho*, de Roniwalter Jatobá, que integra o livro, finalista do prêmio Casa das Américas (Cuba, 1978), *Crônicas da vida operária* (JATOBÁ, 2006), no qual analisamos as semiosferas inerentes a ele e seu contato com fatos histórico-culturais.

Definindo semiosfera e fronteira

Para Lotman (1996), a semiosfera, torna real o ato sígnico particular, ou seja, trata-se de um espaço semiótico no qual textos são estabelecidos, e pode, conseqüentemente, ser também definida como uma rede processual de semioses, ou seja, de intercâmbio de mensagens. Para Kalevi Kull (2007), não apenas a cultura gera estruturalidade pelos processos modelizantes e suas relações com o ser humano, formando a semiosfera, como ela pode ser, além de um objeto de estudo, um método para estudar a cultura. Cada semiosfera tem uma visão, uma compreensão e uma interpretação própria, pelo fato de que no seu interior temos relações reciprocamente estabelecidas.

Sendo assim, uma semiosfera designa o funcionamento dos sistemas de significações de diversos tipos e níveis de organização e, por isso, trata-se de um espaço semiótico, dentro do qual se realizam os processos comunicativos e a produção de (novas) informações (LOTMAN, 1996). Nesse sentido, sem a semiosfera, a linguagem não funciona, como também não existe (LOTMAN, 1996).

Para Lotman (1996, p.12), a semiosfera pode ser uma pessoa semiótica, a qual pode cruzar fronteiras semióticas, nas palavras do autor: “é a soma dos tradutores/filtros bilíngües passando por meio dos quais um texto se traduz a outra linguagem (ou linguagens) que se

encontram fora da semiosfera dada”. Assim, observamos que há um tradutor, alguém que estará na intersecção com as fronteiras dos espaços culturais particulares. Logo, nos casos em que o espaço cultural tem caráter territorial, a fronteira adquire um sentido especial no significado elemental. Lotman (1996) aponta que a semiosfera pode ser identificada como um espaço cultural dominado e o mundo exterior em relação a ela é regida por elementos caóticos, desordenados. Lotman (1996, p. 14) exemplifica essa situação da seguinte forma:

[...] as pessoas que em virtude de um dom especial, os bruxos, o do tipo de ocupação (ferreiro, moleiro, carrasco) pertencem a dois mundos e são como tradutores, se estabelecem na periferia territorial e mitológica, enquanto que o santuário das divindades culturais que organizam o mundo se dispõe no centro.

Ao considerar que no interior dos textos há uma zona de bilinguismo cultural, observamos a garantia do contato semiótico entre os mundos (LOTMAN, 1996), portanto, as fronteiras unem as diversas esferas de semioses. Além disso, para Américo (2017, p. 7), uma fronteira “não só limita a invasão incontrollável dos elementos alheios, como também os elementos alheios a ela são filtrados e traduzidos para a linguagem da semiosfera em questão”. Essa pode ser a garantia de que haja o entendimento entre os indivíduos e os textos que se relacionam nessa situação. A fim de discutirmos as questões anteriormente desveladas, optamos pelo conto *Pano vermelho*, no intuito de verificarmos como o conceito de fronteira se estabelece nessa narrativa, verificando, também, a ocorrência de semiosferas, no sentido pessoal/familiar, temporal (histórico) e espacial.

Interlúdio: narrativas, cultura e história

As narrativas fazem parte do ser humano, ser constituído na e pela linguagem, que não nasce na natureza, senão cultura, no desenrolar da história. Todo ser humano inventa cultura. Essa invenção cultural é uma atividade vital de e para todos os seres humanos, realizada pela linguagem, pela narrativas. A linguagem reproduz a realidade, ou seja, a realidade é produzida novamente por meio da linguagem. Aquele que fala, ou escreve, sem dúvida, faz renascer por meio do seu discurso o/um acontecimento, que está relacionado com sua experiência ou interpretação do acontecimento. A linguagem, é sabido, reproduz o mundo, submetendo a sua própria organização³. Aí entram as narrativas e a cultura. Pelo prisma de Ciro Flamarion Cardoso (1997, p.22), a cultura, também

pode ser, entre outras coisas, um modo de mascarar e sutentar poderes e privilégios, de

³ “O ser humano sempre sentiu (os literatos sempre souberam que), como afirma Émile Benveniste, linguista francês, que fez avanços nas proposições estabelecidas por Ferdinand de Saussure, “o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que não existe, traz de volta o que desapareceu” (BENVENISTE, 1995, p.27).

ocultar a exploração e opressão. [...] É preciso perguntar *quem* cria e define os significados culturais; e com que finalidade

A cultura pode ser definida por aqueles que detêm o poder da palavra. A palavra pode ser entendida como o poder mais alto, pois todos os poderes decorrem desse (BENVENISTE, 1995). A literatura, campo das narrativas ficcionais, pode ser atemporal, destacada do seu tempo e reverberar no presente. Ela possui uma capacidade, uma autonomia, em relação a realidade. Mas, o real está presente nela, assim como o simbólico e o imaginário – cujo os estudos abrem “uma janela para a recuperação das formas de ver, sentir e expressar o real dos tempos passados” (PESAVENTO, 2006). Os escritores, ao planejar seus textos, estão produzindo outras histórias, narrativas ficcionais, mas podem também provocar desdobramentos do seu período (ou de outros), do seu contexto de produção. Os autores, por meio da narrativa, também, querem e podem recontar ou desmascarar episódios históricos, ou melhor, podem construir um relato de um *poderia ter sido* ou *‘na verdade’ era assim* e portanto servir de traço, rastro, indício, marca de historicidade – de fonte (PESAVENTO, 2006). Ainda, Sandra Pesavento (2006), aponta que na contemporaneidade, os historiadores trabalham não somente com o imaginário, como também discutem o uso da literatura como acesso privilegiado ao passado, portanto, tomam o “*não-acontecido*” para recuperar o que aconteceu. Para Pesavento (2006), esses processos levantam a discussão do próprio caráter da história como uma forma de literatura, ou seja, como narrativa portadora de ficção.

Neste campo temos também um narrador – o historiador – que tem também tarefas narrativas a cumprir: ele reúne os dados, seleciona, estabelece conexões e cruzamentos entre eles, elabora uma trama, apresenta soluções para decifrar a intriga montada e se vale das estratégias de retórica para convencer o leitor, com vistas a oferecer uma versão o mais possível aproximada do real acontecido (PESAVENTO, 2006).

Quanto à questão da literatura como signo ou rastro, vemos que há uma reflexão relevante. Uma vez que a literatura pode ser, no nosso ponto de vista, ambos. Certamente, a literatura contemporânea se caracteriza por um deslize crescente do signo para o rastro. O signo é compartilhado, convencionalizado, decodificável, remete-nos a um conceito. Já, como, o rastro se caracteriza por sua insuficiência, que impede a sua imediata apreensão. No mesmo campo do rastro, cada um com seu grau de incompletude, estariam: a ruína, o resto, o caco, o escombros. Diante do(s) fragmento(s) temos muitas possibilidades. E a literatura? Ela possibilitaria um acesso ao “real”, pois ela, como parte nos limites da representação, pode preencher as insuficiências da “realidade”. Nela estaria a “possibilidade” de (re)contar, juntando rastros, restos, cacos. A literatura, um produto cultural, um processo entre o real, simbólico e o imaginário, é resultado da junção desses elementos e, assim, (re)produz fragmentos do passado da sociedade; muitas vezes, iluminando o presente. Dessa forma, este estudo busca não apenas a

aplicação dos conceitos da semiótica da cultura, como também um contato com a obra *Brasil*, de Lilia Schwarcz e Heloisa Starling, que apresenta um panorama dos episódios do Brasil ao longo da história.

***Pano Vermelho*, fronteiras e semiosferas**

O conto *Pano Vermelho* é a saga temporal de um migrante do interior da Bahia para a cidade de São Paulo, escrito por Roniwalter Jatobá, publicado no ano de 1978; é uma narrativa, na qual o narrador-personagem, em forma de uma cronologia biográfica, relata os acontecimentos marcantes de sua vida entre os anos de 1952 e 1976. A cada ano que passa, percebe-se mudanças nas semiosferas pessoal, temporal e espacial⁴ do narrador-personagem, que não se apresenta, não é nomeado, podendo, assim, representar qualquer migrante, sugerindo, por outro lado, que as vivências de migração são muito similares.

O narrador-personagem descreve a primeira semiosfera, datada pelo ano de 1952, da qual deseja sair, como uma situação pequena, *miúda*, marcada pelo envelhecimento e pela espera da morte de seus entes, para que possa, assim, assumir o lugar e o legado dos pais, como uma herança, mesmo na sua pequenez:

Eu: ali, sempre vendo aquela velhice que vinha no correr dos anos trazida quem sabe por quem, que ia entrando nas pessoas. Como ser parado no viver? Esperando pai morrer, mãe morrer, aqui, tudo *miúdo*, até a vida” (JATOBÁ, 2006, p.37, grifo nosso).

Nesse momento, a personagem, apesar de dar-se conta do que faz, vive essa situação plenamente, tendo consciência de seu conformismo diante dos fatos que vive. Podemos cogitar o fato de que essa atitude não é estranha naquele momento histórico, pois a espera de uma herança era hábito relativamente comum em dados círculos sociais.

Em relação à semiosfera espaço-temporal, ela nos é dada posteriormente, no texto, indicando que os fatos ocorrem na cidade de Bananeiras, no Estado de Minas Gerais, a mais de dois mil quilômetros da cidade de São Paulo, o que nos indica que essa parte da narrativa acontece no interior do Brasil. Provavelmente, em uma cidade pequena, com poucos habitantes, os quais esperam que uns e outros cumpram com determinados papéis.

Então, surpreendentemente, decidido, no ano de 1953, o narrador-personagem investe em sua retirada e tem, como destino, a cidade de São Paulo. Nesse mesmo ano, os jornais nacionais⁵ estampam em suas capas o retrato do cotidiano da população nas grandes cidades e sua “disposição para pagar bons salários” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 408).

⁴ Neste estudo optamos por segmentar a semiosfera, a fim de melhor identificar as alterações ocorridas na narrativa protagonizada por uma personagem que poderia ser qualquer brasileiro.

⁵Entre os jornais está o *Última hora*, o qual se envolveu em esquemas de favorecimento com o governo de Getúlio Vargas, que em anos anteriores, ocupa o cargo de presidente da república por meio do voto popular (SCHWARCZ; STARLING, 2015).

Assim, podemos arriscar dizer que a semiosfera da cidade grande da época pode ser considerada um convite e um espaço de esperança para os migrantes, que foram em grande número rumo a São Paulo, e mencionado claramente na narrativa, como segue:

[...] o caminhão lotado de gente chapeando terra, voando areia, pedra, por estes caminhos pobres. São Paulo: como nos velhos sonhos de pai, vermelho tal São Miguel, onde aportei em janeiro de tarde com sol miúdo. A grande fábrica de química me acenando pelos dias seguintes, chamando. Fichado fui [...] (JATOBÁ, p.37).

O porto desse migrante é a região de São Miguel Paulista, região periférica de cidade de São Paulo, cenário industrial dessa urbe. Esse espaço o recebe e o interpela, oferecendo oportunidade de trabalho, funcionário em uma fábrica de química, indicando, também, a industrialização da região. Fato que nos revela a chegada da personagem em um lugar maior e com mais desenvolvimento do que aquele no qual habitava. O narrador-personagem sai de um lugar “miúdo” e é recebido por um sol também “miúdo”, contrapondo-se com a grande fábrica. Diante dessa afirmação, podemos pensar que a luz presente na semiosfera da qual fará parte a personagem, talvez não seja a mesma que elaborou em seu imaginário. Na sequência da narrativa, o narrador-personagem informa que foi fichado, ou seja, cadastrado como funcionário de uma indústria, o que lhe permite transitar pela cidade, cruzar fronteiras, ser força de trabalho e ter potencial de consumo. Podemos, nesse momento, cogitar o fato de que a personagem terá acesso a mais de uma semiosfera, pois sua circulação está permitida, podendo se transformar, porventura, em alguém que traduza informações de um espaço para outro.

Em 1954, o narrador-personagem adquire um terreno e tem seu primeiro filho, Reinaldo. Ano emblemático, pois coincide com a morte de Getúlio Vargas: “Comprei um terreno no Jardim Helena. [...] O presidente Getúlio Vargas morreu” (JATOBÁ, 2006, p.38). Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2015, p. 410) remontam esse fato histórico do seguinte modo:

[...] Aturdidas, as pessoas saíam de casa, procuravam umas às outras e choravam. Aos poucos, porém, a população se transformou e em diversas cidades [...], uma multidão amargurada, revoltada e colérica passou a percorrer as ruas armada com paus, pedras e fúria [...], destruindo tudo que encontrassem no caminho e que estivesse, de alguma maneira, relacionado com a oposição a Vargas.

A palavra *morreu* mostra não apenas a semiosfera na qual se integrava o narrador-personagem, quanto revela as fronteiras de uma época, pois o signo *morreu* se coloca em oposição ao fato registrado historicamente como “suicídio”: “Em algum momento, entre 8h30 e 8h40 da manhã de 24 de agosto de 1954, Getúlio encostou o cano da pistola no lado esquerdo do peito e apertou o gatilho” (SCHWRCZ; STARLING, 2015, p.410). As pessoas que acreditavam ou se sentiam, de alguma forma, apoiadas por Getúlio, ou, ainda, que apoiavam sua política trabalhista, não entendiam ou não reconheciam sua morte como uma ação voluntária. Ao enunciar *morreu*, o

narrador-personagem destaca sua posição em relação a esse fato histórico: estava dentro da semiosfera de ação populista, pois estava envolvido pelo carisma e prestígio de Getúlio Vargas.

Em 1955, a esposa do narrador-personagem tem seu primeiro aborto, todavia em 1956, nasce seu segundo filho, batizado e registrado com o nome de Getúlio Vargas; ano no qual foi publicado no *Diário Oficial* o Plano de metas, contendo o mais ambicioso programa de modernização do país, sob o comando de Juscelino Kubitschek (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Em 1957, nasce o terceiro filho, a menina Maria Aparecida, junto ao início das obras de Brasília e a um crescimento econômico que aprofundava o processo de industrialização nacional (SCHWARCZ; STARLING, 2015).

No ano de 1958, o narrador-personagem amplia sua casa. Em 1959, viaja à Bahia, a sua terra natal, mas verifica que a semiosfera da qual saiu, o interior da Bahia, continua, para ele, a mesma, com pequenas mudanças devido ao envelhecimento natural das coisas. Então ele afirma: “Vi: Bananeiras tinha a mesma cara, tudo igual, tudo mais velho, só a água que corria sempre naquele rio que me banhei vinha mudada nas corredeiras” (JATOBÁ, 2006, p.39). A personagem não revela explicitamente sentimentos em relação ao seu retorno, aparentemente confirma o que pensava no início da narrativa, as pessoas e as coisas não mudam naquele lugar.

Em 1960, nasce seu quarto filho, Roberto. Ano significativo, pois também nasce a nova capital do Brasil: Brasília, cidade construída por milhares de trabalhadores migrantes, que encontraram um lugar em construção, uma esperança para a reconstrução de suas vidas (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Em 1961, o narrador-personagem apenas compra uma bicicleta: “1961 – Comprei uma bicicleta” (JATOBÁ, 2006). É um período conturbado, pois o ano registra a posse de Jânio Quadros e sua renúncia alguns meses depois, quando o seu vice, João Goulart, assume a presidência com a aprovação do regime parlamentarista (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Em 1962, surge uma outra semiosfera pessoal/familiar; o filho Reinaldo, com oito anos, começa a trabalhar de engraxate no Brás, bairro com grande fluxo de trabalhadores, e, como resultado de seu trabalho, conseguem adquirir uma televisão. No ano de 1963, a esposa do narrador-personagem, Adelina, aborta pela terceira vez. Esse ano é marcado pelo fim do regime parlamentarista e João Goulart tenta decretar o estado de sítio, sem êxito.

Em 1964, o narrador-personagem perde sua mãe, que envolta em um pano vermelho, tecido mandado por ele à Bananeiras, serviu à mulher como mortalha. É, também, o início da ditadura militar e muito derramamento de sangue. Em 1965, seu filho Getúlio morre, vítima de um atropelamento, na primeira rua de asfalto de seu bairro. Em 1966, Adelina reclama constantemente de sua condição em São Paulo: “miséria aqui, miséria lá, aqui é cativo” (JATOBÁ, 2006, p. 40). Em 1967, o cenário nacional permanece o mesmo e as queixas de

Adelina também: “[...] que sina era viver aqui nesse cativoiro” (JATOBÁ, 2006, p.40). Ainda nesse ano, o general Costa e Silva assumiu o governo; se por um lado a economia entreva em crescimento, por outro “o ônus do arrocho econômico havia desabado sobre os trabalhadores dos setores médios urbanos” (SCHWARCZ, STARLING, 2015, p. 451). A semiosfera temporal muda no âmbito político, pois a ditadura se instaura fortemente e parece se alongar. Em 1968, a repressão ditatorial aumenta sob o comando de Emílio Médici, E, nesse ano, o narrador-personagem é abordado por alguns soldados que invadem a sua casa, cena comum no período e vai ao encontro de um fato histórico: as greves, as mobilizações dos operários que ocorriam dentro das fábricas, mas muitos eram convocados em suas casas, ameaçados pelos militares que ampliavam as formas e os instrumentos de repressão (SCHWARCZ, STARLING, 2015).

Em 1969, Adelina morre, ano que o Brasil testemunha a criação da operação Bandeirantes, a qual exterminava opositores ao regime da época (SCHWARCZ, STARLING, 2015).

Em 1970, a filha Maria Aparecida some, com treze anos apenas, fato que faz alusão à situação verídica presente no período – desaparecimentos de inúmeras pessoas. Em 1971, Reinaldo, o filho mais velho, constrói um quarto no fundo da casa do pai, para casar e viver com Rita, sua esposa. Em 1972, o narrador-personagem se dá por vencido e se conforma com o desaparecimento da filha: “Maria Aparecida tinha sumido de verdade” (JATOBÁ, 2006, p.41). Mesmo sem a confirmação, a personagem consegue traduzir o que vê, o que ouve como informações gerais da época, para sua própria vida.

Em 1973, o narrador-personagem recebe uma medalha pelos seus 20 anos de trabalho, seu filho, Reinaldo, brinca com o fato: “ ‘o que vale isso, pai?’ Respondi: ‘num brinca com as coisas do governo!’. Guardei a medalha num malote, outro dia, vi: enferrujada” (JATOBÁ, 2006, p.41). Nesse excerto, podemos perceber que “o valor das coisas é semiótico, uma vez que ele é determinado não pelo próprio valor destas, mas pela significação daquilo que ele representa” (LOTMAN, 1981, p.37). Uma medalha, de material barato, sem qualidade, representa uma homenagem aos 20 anos trabalhados em uma empresa. O narrador-personagem, ao tentar traduzir o significado do objeto, apenas repreende o filho para não brincar com as ações do governo. E a medalha, que depois enferrujaria, também relevaria a pouca importância dada ao homenageado, o qual não mereceria um objeto como um metal de maior valor e durabilidade. Nesse mesmo ano, 1973, segundo Schwarcz e Starling (2015, p. 453): “[...] Na explicação meio cínica do general Médici, que ocupou a Presidência da República no período de apogeu do ciclo de crescimento, o país estava muito bem; o povo é que ia mal”. Lotman (1981, p.39) assevera que “o ser humano, embaraçado nas palavras, perde a sensação da realidade. Por isso a verdade é um

ponto extra-signo das relações reais, mas posto também em oposição às palavras”. Entre falsas homenagens e discursos que mascaravam a realidade, o narrador-personagem percorre uma semiosfera de crise, de manipulação e opressão à classe trabalhadora, da qual ele mesmo faz parte.

No ano de 1974, o narrador-personagem se remete a carteira de trabalho: “A profissional se esfiapava no passar do tempo, suada, molhada, seca, no bolso traseiro da calça” (JATOBÁ, 2006, p. 41). O estado do documento é resultado do uso contínuo, pois “a profissional” era uma permissão de mobilidade, não a portar era sinônimo de crime, de uma contravenção prevista no Artigo 59, da Lei das Contravenções Penais, Decreto de Lei 3688/41:

Art. 59. Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita:

Pena - prisão simples, de quinze dias a três meses.

Parágrafo único. A aquisição superveniente de renda, que assegure ao condenado meios bastantes de subsistência, extingue a pena.

Dessa forma, era comum o trabalhador, para que não se configurasse tal contravenção, portar a carteira de trabalho. Ela permitia circulação entre os espaços urbanos, entre sua residência e o local de trabalho. A carteira de trabalho é um símbolo de acesso à cidadania. Mas, atualmente, tanto o valor do trabalho, como a classe trabalhadora se encontram de forma diluída, não há uma identificação massiva por parte da população com essa classe, o que é um paradoxo, pois a ela é a maior parte da sociedade. Lotman (1981, p.40-41) conjectura que “o sentimento da relatividade do signo penetra muito profundamente na estrutura do código cultural”. A carteira de trabalho é um passaporte que autoriza o fluxo e a entrada às semiosferas da residência, do trabalho e do lazer na narrativa discutida.

No ano de 1975, o narrador-personagem faz um acordo e se afasta da fábrica: “Fiz um acordo com a fábrica. Saí de lá. Abri esse bar que aqui se vê. Pequeno, freguesia pouca por enquanto, mas vai melhorar. Sei [...]” (JATOBÁ, 2006, p. 41). Esse é o cenário de rememoração. Desse modo, vamos ao encontro do que propõe Ettore Medina (2014, p.132) em estudos anteriores sobre *Pano Vermelho*:

O ato de abrir um bar indica uma mudança significativa no modo de vida do narrador, que deixou de ser operário para ser dono de algo seu. Tenho por hipótese que essa mudança social não só motivou, mas também criou condições propícias para a rememoração.

O fato de “sair de lá” marca outra mudança de semiosfera, tanto espacial, quanto pessoal. Essa transição de operário para dono de algo é o que possibilita o trabalho de memória, pois agora tem tempo para refletir, não realiza mais tarefas automáticas como se imagina que um trabalhador braçal normalmente o faça. Por fim, no ano de 1976, o bar está estabelecido e é o local de permanência e sobrevivência do narrador-personagem:

Fico nesse bar de noite a dia, de dia a noite, como se procurasse um arremediamento do ficar só. Rita, mulher de Reinaldo, quem imaginava aquele corpo fraco, se tornou mãe, esperança deste corpo, sonho novamente começado em fim de vida. Vem pena de Reinaldo: esperançoso ele. Dou fé (JATOBÁ, 2006, p. 41).

O conto termina com a revelação de esperança, tanto no sentido de esperar algo, que talvez não venha, como no sentido de esperançar. O corpo do narrador-personagem também a reflete, pois um novo ciclo nasce juntamente com advento do neto. O fim da narrativa dialoga com outros textos culturais, tal como a canção *Pedro Pedreiro*, de Chico Buarque (1966), quando narra: “E a mulher de Pedro, esperando um filho pra esperar também”. Uma condição de espera e esperança permanente da classe trabalhadora representada na narrativa, que atravessa períodos, fronteiras e semiosferas sem conexão com as autoridades e tão diluída nos dias atuais.

Considerações finais

Roniwalter Jatobá dá voz à classe trabalhadora, por meio de um narrador anônimo, o qual pode representar qualquer migrante que atravessou milhares de quilômetros em busca de uma vida digna na urbe dos anos 50, 60 e 70. Sem dúvida há um trabalho cuidadoso na rememoração e na relação com fatos históricos que este artigo evidencia. O tratamento dado a linguagem é de muito esmero, pois se trata de um conteúdo de valor, constituinte da vida humana: a atividade de trabalho. Como esse conteúdo é valioso, tomando as palavras de Lotman (1981, p. 37-38), “exige expressão valiosa”, pois o signo reflete, “reflexa” e geralmente está associado com “a figura do espelho”.

O conto toma os moldes de uma cronologia biográfica, perpassando por um período de 25 anos e assumindo um tom de denúncia e crítica. O narrador-personagem é um tradutor que circula entre as semiosferas, paira em fronteiras temporais e espaciais, mas, sobretudo, traduz o impacto delas, das mudanças históricas e sociais que afligiram à classe trabalhadora e sua própria vida aos leitores que acessam ao texto. As mudanças de semiosferas espaço-temporais não provocam alterações significativas nas semiosferas profissional, pessoal e familiar do narrador-personagem, que vive perdas ao longo de sua trajetória na urbe. As perdas são a única constante. Talvez, o tradutor não seja propriamente o narrador-personagem, senão o próprio escritor, Roniwalter Jatobá, que foi migrante, operário na indústria automobilística e morador de São Miguel Paulista, levantamento que pode ser considerado em estudos posteriores.

A Semiótica da cultura, utilizada aqui como aporte teórico, método e exercício de análise e reflexão, traz o conceito de texto cultural, como um texto aberto e mostra as inúmeras possibilidades de interpretação e diálogo com outros textos, de outros sistemas modelizantes, como os textos da história.

A intenção deste trabalho foi experienciar essa linha da semiótica em produtos literários, como um conto breve, que se transfigura num relato, num testemunho e que pode trazer à tona semiosferas e fronteiras que ampliam a compreensão de uma determinada comunidade, de uma camada social, como a classe trabalhadora que ainda hoje vê cortes e boicotes aos seus direitos, exibindo uma nova configuração social, uma nova semiosfera de desmonte e silenciamento, uma vez que essa classe se encontra esparsa e, atualmente, sem mobilizações significativas.

Referências

- AMÉRICO, Vólkova Ekatrína. O conceito de fronteira na semiótica de Iuri Lotman. In: **Bakhtiniana**, São Paulo, 12, (1): 5-20, jan./abril, 2017.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. Campinas: Pontes, 1995.
- BUARQUE, Chico. Pedro Pedreiro. In: **Chico Buarque de Hollanda** (álbum). Rio de Janeiro: Gravadora RGE, LP, vinil, 12 faixas, duração 27:08, 1966.
- BRASIL. Artigo 59 da Lei das Contravenções Penais - **Decreto Lei 3688**, de 1941.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **História e paradigma rivais**. In: _____; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- JATOBÁ, Roniwalter. Pano vermelho. In: **Crônicas da vida operária**. São Paulo: Lazuli Editora, 2006.
- KULL, Kalevi. **Semiotic ecology**: different natures in the semiosphere. *Sign Systems Studies*, v. 26, p. 344-369, 1998.
- LOTMAN, Iuri; USPENSKII, Boris. Sobre o mecanismo semiótico da cultura. In: LOTMAN, Iuri; USPENSKII, Boris; IVANOV, Viatchesláv V. **Ensaio de semiótica soviética**. Lisboa: Horizonte, 1971.
- LOTMAN, Iuri. Sobre o problema da tipologia da cultura. In: SCHNAIDERMAN, Bóris. **Semiótica russa**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- _____. Acerca da semiosfera. In: **La semiosfera**: semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.
- MEDINA, Ettore. Família operária, memória e subjetividade em uma narrativa de Roniwalter Jatobá. In: **Cadernos de campo** – Revista de Ciências Sociais – Unesp, n.18, 2014.
- SCHWARCZ, Lília; STARLING, Heloisa M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das letras, 2015.
- PESAVENTO, Sandra. História & literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>>. Acesso em 12 ago. 2009. Acesso em: 25 de fev. 2018.